

sempre Alerta!



UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL

N.º 109 — SET./OUT./NOV./DEZ. DE 1964 — ANO XIX

Sempre Alerta!

ÓRGÃO DA UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL

Publicação bimestral especializada em assuntos de Escotismo

N.º 109 — Ano XIX

Set., Out., Nov., Dez. de 1964

Exemplar — Cr\$ 100,00

Caixa Postal 1734

Telefone: 42-3944

Av. Rio Branco, 108, 3.º and.

Rio de Janeiro — Brasil

Redator-Chefe — J. P. Lima

Editorial	3
Cartas à Redação	4
Assim Escreveu B. P.	5
Caçando na Jangal	8
Flor de liz através dos tempos	9
Escotismo — Um jôgo sério	10
Mensagem de Natal	15
Topografia	19
Grandiosa Natureza de Deus — Seus Mistérios e Caprichos	20
V Curso Interamericano Para Comis- sários Executivos	21
O Brasil na Conferência Escoteira In- teramericana	22
Ponte Pioneira	25
Boa Viagem: a Ilha dos Escoteiros ..	27
Escoteiros do Mar	28

CAPA — A patrulha dos Falcões do Grupo Escoteiro Ipiranga hostentando o troféu conquistado no Torneio Caio Viana Martins.

CONTRA CAPA — Uma pôse geral dos participantes da Conferência Escoteira Interamericana.

EDITORIAL:

MOACYR M. REBELLO FILHO

Graças à Deus estamos recebendo colaborações de companheiros de vários Estados. Queremos que a nossa revista torne-se Nacional, isto é, que seja feita por todos os escoteiros e lobinhos do Brasil, do Rio Grande ao Amazonas, por isso estamos aguardando a sua colaboração, caro leitor.

Como os nossos leitores notaram, o número anterior apareceu com algumas seções novas e outras voltaram.

Ao terminar o ano quero aproveitar a oportunidade para saudar os nossos companheiros de todo Brasil pela chegada do Ano Nôvo. Desejamos que o nôvo ano seja repleto de felicidades e de muito progresso pessoal para cada um e que os nossos grupos de Escoteiros tenham um ano cheio de grandes e proveitosas atividades.

Bom campo em 1965.

REDATOR



Cartas à Redação

Recebemos de Nuno M. M. Godinho de Mattos, jovem escoteiro de Portugal, uma cartinha na qual êle solicita que, através da revista "Alerta" possa encontrar uma bandeirante ou um escoteiro brasileiro para corresponder-se. O seu enderêço é o seguinte: Rua G, n.º 37, Olivais, Norte — Lisboa — Portugal.

* * *

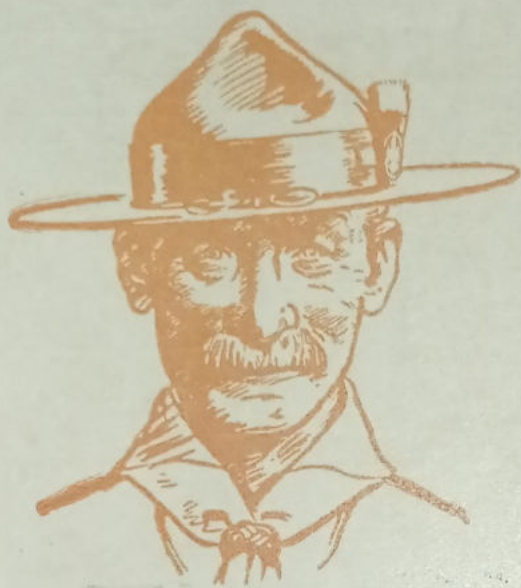
Da Espanha recebemos de Rafael H. Vines Y Martoroell, uma carta na qual nos solicita a publicação de seu enderêço, afim de que possa se corresponder. Seu assunto é Filatelia. Seu enderêço é o seguinte: Alcony — Alicante — Espanha. Calle São Nicolas, 20.

* * *

"Gostaria de ver uma tabela de preços dos livros da Editora Escoteira, na Revista "Sempre Alerta", pois nos orientaria para poder comprar livros pelo reembolso postal". — Guelfo Poltromire (Brasília).

Últimamente temos publicado uma tabela de preços da Editora, apenas no n.º 108 não foi possível, por falta de espaço. Neste número a tabela vai publicada.

ASSIM ESCREVEU BADEN POWELL



APRENDA A CUIDAR DE SI MESMO

A verdade é que os homens criados nos países civilizados não recebem qualquer espécie de adestramento, nada aprendem sobre como cuidar de si no “Veldt”, na pradaria ou no sertão. Em consequência, quando chegam a um lugar selvagem, por longo tempo ficam completamente desamparados e lhes acontece uma série de privações e de acidentes desagradáveis que seriam evitados caso tivessem aprendido quando meninos a cuidarem de si num acampamento. São apenas um bando de “patatenras”.

Nunca tiveram que acender um fogo ou cozinhar sua própria comida; havia sempre outra pessoa para fazê-lo. Em casa, quando queriam água, apenas tinham que abrir a torneira, e por isso não tem nenhuma idéia de como encontrar água em um local deserto, olhando a grama, ou o mato, ou escavando a areia até encontrar sinais de humidade. Quando se perdiam ou não sabiam as horas, tinham apenas que perguntar a alguém. Sempre tiveram casas para se abrigarem e camas para se deitarem. Nunca precisaram repará-las pessoalmente, nem fazer ou consertar seus sapatos ou suas roupas.

É por isso que um “Patatenra”, na maior parte das vezes, sofre tanto durante um acampamento. Mas a vida do acampamento, para o Escoteiro que conhece o “jôgo” é uma coisa simples.

Sabe mil modos de conseguir conforto e quando regressa à civilização, pelo contraste, é muito maior a sua satisfação em gozá-la.

E mesmo lá na cidade, poderá fazer muito mais por si do que o comum dos mortais que nunca realmente aprendeu a prover as suas necessidades.

O homem que tem que se virar fazendo mil coisas, como acontece com o Escoteiro no acampamento, verifica, ao voltar para a civilização, que é mais fácil para êle obter um emprêgo, pois está pronto para qualquer espécie de trabalho que apareça.

REGISTRO DE SEÇÃO:

(em 3 vias acompanhadas de modelo 2 "Registro de Grupo Escoteiro")

INSTRUÇÕES: Este formulário "Registro de Seção" deve ser preenchido por ocasião do reconhecimento do 1.º Registro ou da Renovação do Registro Anual do Grupo Escoteiro, relacionando-se no mesmo os membros de uma Seção. Relacione o pessoal da Seção que houver sido inscrito, reinscrito, vindo transferido, ou mudado para o ramo; Estado Civil; Solteiro S; Casado C; Viúvo V; Grau de Instrução: Primário P; Secundário Sec.; Superior Sup; Religião: Católica C., Evangélica E; Israelita I; Etc. **CLASSE:** Pata tenra P; Lobinho de uma estrêla 1; Lobinho de duas estrêlas 2; Lobinho do Cruzeiro do Sul C; Noviço N; Escoteiro de segunda classe E 2; Escoteiro de primeira classe E 1; Noviço Senior N. S.; Escoteiro de segunda classe, S 2; Escoteiro Senior de primeira classe S 1; Escoteiro da Pátria E P; Escudeiro E D; Pioneiro, Investido I; Insígnia de B. P., B. P.; **GRADUAÇÃO:** Segundo S; Primo P; Mór M; Submór SM; Monitor M; Guia G. **SITUAÇÃO:** Inscrição nova I; Reniscrição RI; Transferência de outra Tropa T; (indicando qual grupo). Mudança de ramo M; Escreva os meses das datas abreviadas em números.

Região de Sta. Catarina **Grupo Escoteiro** Gua nabara **Cidade** São Leopoldo **Registro n.º** 109

USE UMA PÁGINA PARA CADA SEÇÃO; NÃO MISTURE NA MESMA PÁGINA MEMBROS DE SEÇÕES DIFERENTES

Risque a seguir as Seções que não figuram nesta página.	ALCATÉIA DE LOBINHOS — 7 a 11 anos — Máximo 24 membros	TROPA DE ESCOTEIROS — 11 a 15 anos — Máximo 32 membros.	TROPA DE ESCOTEIROS SENIORES — 15 a 18 anos — Máximo 24 membros.	CLÁ DE PIONEIROS — 18 a 23 anos
---	--	---	--	---------------------------------

N.º DE REGISTRO (No caso de 1.º Registro não escreva)	NOME	NASCIMENTO		ENDEREÇO Rua e número	Grau de Instrução	Religião	Adestramento		Graduação	Situação
		DATA (abreviada em números)	Estado do Filho				Classe	Data		
20969	Joaquim F. de Santos Filho	25-4-953	SP	Rua Pedro I, 95	Sec.	C	N	25-4-64	SM	RI
24598	Manoel da Silva Ferreira	8-12-954	Sc.	R. Filomena Nunes, 25	P	E	E2º	26-8-64	M	T*
38950	Roberto Pereira Leguemes	1-4-950	PA	Av. Pedro Álvarez, 65	G.	P.	N.º	2-12-50	M	RI
	Samuel Péricles	1-2-951	GB	Rua Piaçba, 200	Sec.	C	N	3-5-51		I
	Francisco R. dos Santos	12-7-953	AM	R. Rodrigues Silva, 27	Sec.	C	N	12-12-53		I

- Orientação para o preenchimento do formulário acima.
- 1.º Preencher em três vias os formulários, com muita clareza para não tirarmos identidade com nome errado.
 - 2.º Este formulário deve ser escrito de um lado e no outro somente risca-se as Seções que não figuram neste lado.
 - 3.º Quando um escoteiro, lobinco, sênior ou mesmo chefe veio transferido de um outro Grupo deve em baixo constar qual grupo Esc. que é pertenceu; isto faticitará muito a nova inscrição.
 - 4.º Temos notado que muitos formulários vêm sem data de nascimento, sem data do Adestramento e que muitos chefes ainda não se familiarizaram com esta palavra. ADESTRAMENTO deve constar a data da promessa do lob., Esc., Senior, Pioneiro, etc., quando o esc. fez 2.a classe então deve ser colocada a data da 2.a. classe ou de outro ramo.
 - 5.º Ao preencher este formulário o chefe deve ter certeza do nome do garoto, a data do nascimento e data da promessa. Não fazer como muitos chefes vêm fazendo. De um ano para outro vêm errando fichas da U.E.B. o que causa confusão, pois as mesmas não podem ser alteradas nos arquivos.
 - 6.º O garoto ou rapaz não estando registrado não pode participar de um acampamento internacional. A U.E.B. não dará o passa-porte, como também o título escoteiro Pátria. Se fôr escoteiro do mar ele não terá a reserva naval.
 - 7.º Deve ler as instruções acima para melhor preenchimento do formulário.

CAÇANDO NA JANGAL

MARIA PÉROLA SODRÉ
— Aquelá líder

14.^a conversa — 1.^o bote: Transcrevo aqui algumas das palavras ditas por Dom Frei Henrique Golland Trindade O.F.M. na festa de S. Francisco de Assis em Botucatu no ano de 1954.

“A GRANDE TAREFA”

Em todos os tempos, desde sempre, foi difícilima a tarefa de Educar. João Crisóstomo dizia que isto é mais difícil do que a tarefa do pintor que dá vida e côres a uma tela branca, e a do escultor, que tira do mármore bruto uma figura humana ou divina; é a tarefa do educador, que trabalha na alma humana da juventude e dela deve tirar tudo o que a faça vencer na vida. Foi sempre difícil. Hoje porém, ninguém o ignora, a tarefa é, muito e muito mais difícil. Vivem a criança e o adolescente trabalhados por tudo aquilo que estraga, corrompe ou que torna mesmo quase impossível o trabalho sério do educador.

O educador verdadeiro foi sempre uma criatura rara, e, por isso mesmo extraordinária. Hoje, o educador verdadeiro, para vencer, deve ser um herói e quase um santo.

A tarefa do educador é uma tarefa de mansidão, de vida e de vitória”.

Nós, chefes de lobinhos, aceitamos por livre e espontânea vontade a tarefa de educador. Precisamos fazer o melhor possível para sermos educadores verdadeiros.

2.^o bote — Religião — Já falamos sobre o assunto na nossa 2.^a conversa; foi publicada no n.^o 95 — “Sempre ALERTA”.

Gostaria ainda, para completar, que lessem a Seção 3 do P.O.R., toda ela dedicada à orientação religiosa.

É imprescindível que o incentivemos no Lob. êsse espírito de religiosidade.

3.^o bote: — O jôgo circular publicado na 13.^a conversa, n.^o 108 — “Sempre ALERTA” pode ter variantes, entre as quais deixar, sobre o banco central, alguns objetos valendo pontos e

outros sem valor. O último corredor de cada matilha, antes de encerrar a corrida deve ir ao banco e apanhar UM objeto, o de maior valor (em pontos) que encontrar. Na contagem final do jôgo, além dos pontos ganhos na corrida, serão incluídos os pontos dos objetos apanhados. É de grande benefício para lobinhos, etc.

4.^o bote: — Por motivos alheios à nossa vontade, houve irregularidade na publicação do 4.^o bote da 11.^a, 12.^a e 13.^a conversa. Faremos o possível para conseguirmos nesta caçada as correções necessárias.

11.^a — conversa — A pergunta estava feita em semáfora, (não foi publicada) era a seguinte:

Quem foi que disse?

“Urna, que tempo virá em que esta cozinha nua te fará urrar nouro tom”.

12.^a conversa — Resposta (não foi publicada).

Quem disse?! — Baguira para Shere-khan.

Quando?!... quando, de acôrdo com a Lei, ofereceu um touro gordo que acabara de matar, como preço para a Alcatéia receber Mowgli.

Outra mensagem que seria em semáfora e não foi publicada:

“Que direito é êsse a que se referiu Shere-khan oh Hati?”

Quem disse, quando, onde?

A resposta deverá ser publicada em semáfora na 15.^a conversa. Aguardem.

5.^o bote: Será dado por vocês.

A Aquelá Maria José de Assis Ramos — da Guanabara — já deu o seu bote. No n.^o 108 em cartas à Redação li com prazer um seu comentário; muito bem, gostei da sua observação. Mostrou que está fazendo boa caçada.

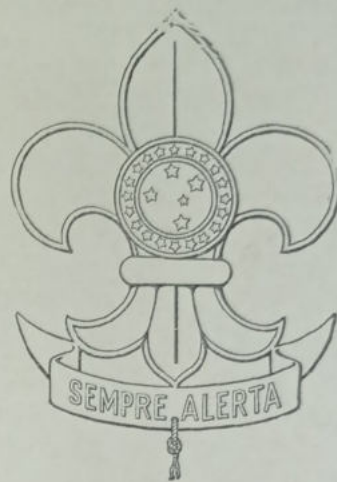
Recebi do Balu Arilton Barreiros de Souza — Sta. Catarina — comentários sobre os jogos publicados nos ns. 106 e 107. Aguarde Balu Arilton, estamos providenciando. Desejo progresso e boa caçada para sua Alcatéia do Grupo Escoteiro Tubarão.

A FLOR DE LIZ ATRAVES DOS TEMPOS

Lacurne de Sainte-Palaye pergunta se aos ferros de lança qualificados de *flôres de liz*, não se deveria chamar, antes, *pheon* ou *ferro de dardo gaulez*, que mais se aproxima da antiga *flor de liz* heráldica de três hastes e terminadas por uma ponta única. A adição das duas hastes laterais inferiores é, relativamente, moderna, remontando ao século XIV. Onde teriam buscado inspiração para a criação de semelhante ornato? No sapo? Na abelha? Na cruz? No iris amarelo dos charcos? No martagão vermelho? No lírio da Calcedônia? Seria o emblema místico da Virgem, ou, como o quer Fonseagne, um ornato puramente arbitrário e comum a todos os soberanos?

Um fato é certo. As origens do que chamamos flor de liz (escreve o marquês Du Four de La Londe) perdem-se nas trevas das idades, nos mistérios sagrados do Velho Oriente.

A flor de liz, muito antes do advento dos Capetos e da invenção do armorial, já era o signo da Realeza bizantina. A lenda diz que "Deus, por interferência de um anjo, transmitiu suas armas ao rei Clóvis". Géliot, em seu livro "Vraye et parfaite Science des Armoiries", acentua que foi Clóvis quem, primeiro empunhou os lizes de ouro "descidos do Céu". Num Evangelho, datado de 875 vêem-se, numa miniatura, duas personagens sob uma crua de flôres de liz vermelhas. Para o autor da "Imitação de Cristo", Jean Gerson, falecido em 1429, foi São Dionísio que fêz doação da flor de liz ao chefe dos Francos. Outros querem que Carlos Magno a recebeu das mãos de um anjo. O florão trilobado figura nos monumentos do antigo Egito como símbolo de infinito poder, de autoridade soberana e de eterna fecundidade, e serve, de ornamento no diadema real dos Faraós e das Esfinges, e de cetro em suas mãos. Os agiografos revelam-nos que, antes da era cristã, as personagens sagradas traziam acima de seus diademas a flor de liz, qualificada por São Bernardo *flos habens adorem spei*. Os Cézares adotaram-na. A imperatriz Placídia ostentava-a no seu diadema. As fronteiras dos imperadores bizantinos, nas moedas que circulavam de 610 a 820, eram ornadas com flôres de liz. Nas armas de

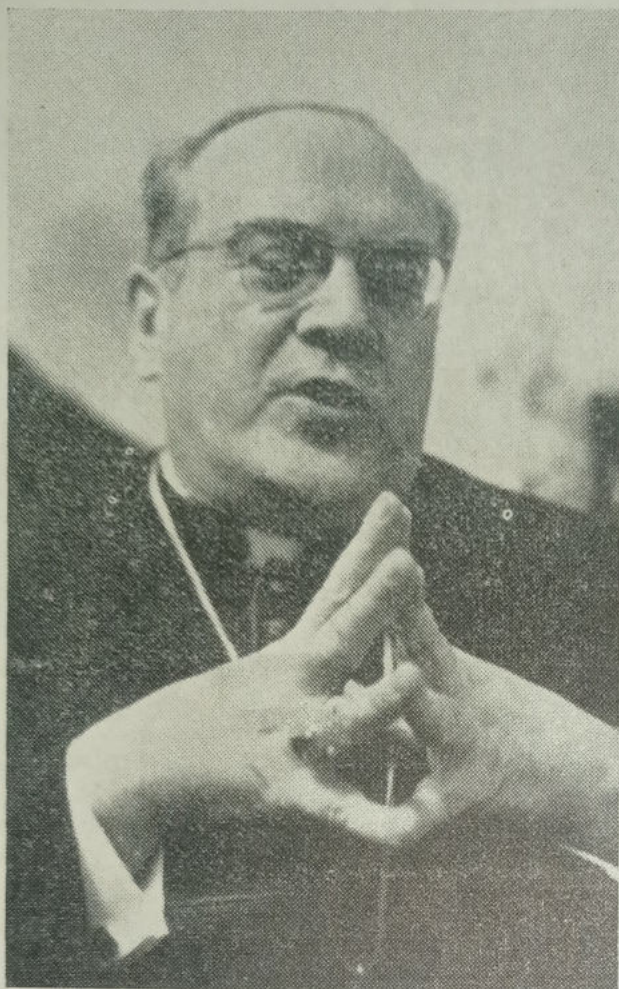


Eudes, conde de Anjou, figuravam êsses lindos enfeites dos jardins, assim como nos sinêtes de Childerico II (715-720), de Thierry II, de Childerico III (733), de Carlos Magno, no evangeliário de Godescale (780), nos escudos dos descendentes de Hugo Capeto e em centenas de armas, braçõs, sinêtes, de magnas personalidades e figuras hieráticas.

Os três lizes constituem o símbolo da fé, da ciência e da cavalaria: *Tria lilia, fidei, sapientiae et militiae simulacrura*. (Guilherme de Nangis, 1720). As flôres de liz foram reduzidas a três para personificar o clero, a nobreza e o povo, para Gerson; a Santíssima Trindade, para G. A. de La Roque; o comêço, o meio e o fim, para Chassanée; ou, enfim, o passado, o presente e o futuro, para Pitágoras e Santo Agostinho.

As flôres de liz encontram-se em tôda a Europa cristã; na Inglaterra, na Alemanha, na Polônia.

O rei São Luiz, de França, recompensou os serviços do sire de Chateaubriand concedendo-lhe, e a seus herdeiros, um escudo semeado de flôres de liz de ouro. A flâmula da Santa Joana d'Arc trazia três flôres de liz. A flor de liz deriva do florão trilobado, que se vê no cetro dos Faraós.



Conferência pronunciada por S. E. Monsenhor Sebastião Baggio, **delegado apostólico no Canadá**, por ocasião do jantar do vigésimo quinto aniversário da Federação dos Escoteiros Católicos, no Castelo Frontenac, Quebec, no dia 24 de fevereiro de 1960.

Parece inverossível falar do Escotismo — uma vez que, ai de nós, não me é mais dado falar de tal matéria — aqui, no Canadá, país de maravilhas do qual sonhávamos, cheio de aventuras, quando eu também, usava chapéu de abas largas e, trazia no peito a flor de lis. Pois, eis-me chamado a partilhar vossa sorte, exploradores dos grandes rios e das florestas sem limites, índios das planícies — caçadores de búfalos, incorrutível polícia montada em guerra perpétua com os contrabandistas, personagens e paisagens de meus sonhos de Patrulheiro. Se não sois mais para mim, personagens de lendas, imponde-vos agora à minha admiração de adulto como uma epopéia que imprimiu sua marca na história e que sobrevive no caráter e no estilo de vida deste povo generoso.

Proponho-me, senhores, ocupar vossa benévolo atenção analisando cada um

ESCOTISMO : UM JOGO SÉRIO

Monsenhor Sebastião Baggio

dos três pontos de equivalência que puz em mira nesta minha palestra: “Escotismo: um jogo sério”, sabendo de antemão que não se deve fazer a autópsia de uma realidade palpitante de vida e de juventude tal qual a mencionada em meu tema.

I — ESCOTISMO

Dêle dou algumas definições que escolhi entre as mais autorizadas, mesmo se elas não provenham de técnicos: “Para ser um Escoteiro — dizia Pio XII — é preciso uma disposição constante para a força e a coragem, para a calma e a reflexão. E para ser Escoteiro católico, é preciso, a mais, um sentimento profundo de Deus, da lei divina, da divina Presença que harmonisa as maravilhas da natureza e dela nota os pontos mais notáveis, o segrêdo, o ensinamento mais precioso”. (6 de setembro de 1925).

O enérgico Papa alpinista, que deveria mais tarde apertar com emoção a mão do Fundador, o General Lord Robert Baden Powell, “em sinal de íntima e pessoal simpatia” (Jamboree” julho 1933), encarava nestas palavras a alma e o espírito do Escotismo, confessando que êste espírito era o seu.

Pio XII voltará muitas vezes, com a profundidade habitual de sua penetração psicológica, sobre êste aspecto essencial do Movimento. Apraz-me citar um dos seus últimos documentos oficiais destinados a Escoteiros e trazendo a data de 20 de fevereiro de 1957: “O Movimento escoteiro católico declara ser, com efeito, uma escola de preparação humana e civil para a vida, um generoso impulso, uma coragem, um sentimento nobre, um sentido definido de disciplina voluntariamente aceita de cristianismo conhecido e vivido.” (Oss. Rom., 22 fevereiro 1957).

O Santo Padre havia já levado a palavra sobre a estrutura propriamente dita do método escoteiro: “O Esco-

tismo — dizia êle em um discurso histórico em Castelgandolfo no dia 10 de setembro de 1946 — desperta e põe em movimento no jovem tudo o que é naturalmente bom, nobre, são: — simplicidade de vida, amor da natureza e da pátria, sentimento de honra, domínio de si próprio, obediência, dedicação ao serviço dos outros, com um espírito de fraternidade e de cavalheirismo. O escotismo quer trazer a ordem e a retidão na vida humana. Amor da natureza, sim, mas isento de fantasia e de sentimentalismo mal-sãos. Mesmo o divertimento, a excursão, o jôgo impõem a cada escoteiro deveres, responsabilidades particulares e podem ser o complemento de uma forte e enérgica atividade na escola, no escritório, no trabalho profissional. O Escotismo dá ao culto e ao serviço de Deus o lugar de preponderância que lhes é devido na vida do homem e, por isto mesmo, prepara o jovem para descobrir em cada coisa, em tôda ordem, em tôda virtude, em tôda beleza criada, seu verdadeiro valor, seu verdadeiro esplendor à luz do Sol divino”.

Os Soberanos Pontífices dirigiam-se aos Escoteiros católicos certamente. Pio XII entretanto, dedicou a uma Conferência do Escotismo somente, que se realizou no México em 1948, frases não menos significativas: “O Movimento dos Escoteiros é um sistema pedagógico que, apoiando-se sôlidamente no Evangelho, desenvolve felizmente a personalidade e põe em relêvo suas nobres inclinações”. (maio, 9, 1948).

Por sua vez, Sua Santidade, João XXIII — amigo dos Escoteiros desde há 40 anos, como o confiou aos Dirigentes do Escotismo italiano — timbrou em acrescentar sua própria definição à dos seus Predecessores. Eila: “Escola de preparação sã e adequada à vida, cujo fim é formar nos jovens, desde a infância, homens de caráter e cidadãos leais, exercitados à disciplina e fortificados pelo sacrifício, e sobretudo formador de bons cristãos, procurando a virtude, dinâmicos na caridade, filialmente dedicados à Igreja, preocupados em dar testemunho de sua fé”. (Oss. Rom. — 8 maio 1959).

Se definir é uma prerrogativa do Soberano Pontífice, cada um pode ver quanto a usaram em favor do Escotismo os grandes Papas de nossa épo-

ca. Mas não é tudo. Segundo o Eminentíssimo Cardeal Montini, o Papa serviu-se também, para com o Movimento, de uma outra de suas prerrogativas exclusivas: a de canonisar. Quando Substituto da Secretaria de Estado, êle escrevia com efeito no prefácio de um livro que eu mesmo tinha a satisfação de preparar sôbre o Escotismo: “Dêste modo os Escoteiros podem ficar reconhecidos ao Papa por ter canonisado seu magnífico método”. (Documentos Pontíficos sôbre o Escotismo, Roma, 1952).

Com uma grande margem de diferença, poder-se-ia todavia dizer que aconteceu para o Escotismo — cuja origem não é católica — o que aconteceu a certos edifícios monumentais da antigüidade que se tornaram santuários da Igreja, uma vez que eram bem construídos, tais como as Termas de Diocleciano, o Panteon, ou o templo dedicado pelo Senado romano ao culto de Antônio e de Faustina, sôbre o Forum. Êste último foi transformado em igreja de São Lourenço de Miranda, mas foi infelizmente acrescido de uma fachada barroca. Há talvez nisto um símbolo do que se pode ainda deplorar em certas interpretações do Escotismo, quando o excesso de zêlo se defronta com a carência de ilustração. Algumas vêzes, é ainda pior. Quantos movimentos clássicos foram destruídos ou que se deixou cair em ruínas sob piedosos pretextos: nestes 25 anos de vida, vocês da Federação dos Escoteiros Católicos, conhecestes também a indiferença, incompreensões, malentendidos. E, de minha parte, não queria relembrar quantas vêzes foi-me preciso insistir, bem contra a vontade, em minha qualidade de Substituto da Sagrada Congregação Consistorial, para que se abrisse a porta ao Capelão Nacional dos Escoteiros católicos italianos que era eu.

O Escotismo é portanto, um Movimento pedagógico e, como tal, submissos à vigilância da Igreja que tem o “direito inalienável e indispensável de ver”. (Pio XII, Enc. “Divini illius Magisteri”). Trata-se, ainda, de uma pedagogia ativa que dá asas à personalidade do rapaz e da môça e os eleva para os ideais de fraternidade sem fronteiras, de serviços desinteressados ao próximo, de franqueza e de responsabilidade, de reverência para com Deus presente e agindo na natureza. E é sôbre êstes excelentes fundamentos

humanos que é extremamente fácil para o padre de construir uma sólida consciência cristã; é um tronco são e cheio de seiva sobre o qual se enxerta fortissimamente a vida sobrenatural donde nasce uma juventude votada a um destino elevado, que pode sem dúvida realizar-se também na atmosfera do civismo e do cavalheirismo puros e simples, mas que um sópro sacerdotal fecundo pode sem muito esforço transformar em apostolado e, muitas vezes, em vocação sacerdotal e religiosa.

II — JÔGO

E tudo isto seria somente um jôgo? Porque não? Tomemos cuidado em não subestimar o valor da atividade que está sob o nome modesto e discreto de jôgo. Lembremo-nos da encantadora apresentação que a Sabe-doria criadora nos fez de si mesma na Sagrada Escritura: “Estava eu lado de Yahvé, como o operário, divertindo-me, dia após dia, brincando em sua presença, brincando na face da terra”. (Prov. 8, 30s.)

“O Escotismo — citamos as palavras do Fundador — é com efeito um grande jôgo alegre ao ar livre onde as crianças e os homens com corações infantis podem abandonar-se juntos à aventura, como o irmão mais velho com o mais nôvo, adquirindo saúde e alegria, conhecimentos práticos e aptidões para se tirar de embarços em tôdas as ocasiões”. (Baden Powell — “Aids to Scoutmastership. World Brotherhood Edition 1945, p. 19).

Jôgo inventado por Lord Robert Baden Powell, genial e apaixonante, que é representação, experiência e iniciação para a vida futura do adolescente, sem nada perder de sua atração de jôgo espontâneo, onde o adolescente se sente à vontade e ao qual êle se entrega com entusiasmo. O gênio de B.P. soube pôr nos devidos lugares sua importância e valorizar uma das mais vivas e mais irresistíveis inclinações naturais dos jovens: a de formar por seus jogos assim como também os adultos por suas atividades, repito — formar sociedades.

“O cunho destas sociedades — escreve o Padre Forestier, — é de ser compostas por hierarquia. Todos os rapazes de todos os tempos escolheram para si próprios um chefe de jogos. Vê-se bem isso nas Confissões de San-

to Agostinho que era exímio — nos diz êle — em dirigir os seus companheiros para o que lhe aprazia. O escotismo vai utilizar a fundo esta LEI NATURAL. Do chefe de jogos, do chefe da banda, vai fazer o chefe da patrulha, ao mesmo tempo condutor de rapazes e protótipo do Escoteiro perfeito. Da mesma idade que seus subordinados, semelhante entre seus semelhantes, êle vai representar a seus olhos a lei escoteira incarnada, o ideal escoteiro vivido”. (Um caminho de liberdade, Paris 1953 — p. 59)

O educador será admitido a partilhar êste mundo, do qual as crianças guardam ciosamente o interior, com a condição de respeitar o código e de reconhecer sua estrutura própria. Êle não o pode invadir militarmente, conquistando com o pretexto de lhe impor sua lei de adulto, sob pena de ficar para sempre um “tolerado”, um estranho sem influência verdadeira nem durável, como não importa que potência de ocupação. A bandeira do Escotismo, pelo contrário, assegura-lhe um acolhimento espontâneo, uma presença benfazeja.

Com finura intuitiva, tanto mais surpreendente em seu meio e em sua época, B.P. escrevia a êste propósito: “O jovem ou a menina não são uma edição reduzida do homem ou da mulher. Nem tão pouco uma fôlha de papel em branco onde o mestre deve escrever; mas cada criança, tem suas curiosidades particulares, sua inexperiência própria, sua forma de espírito misteriosa, que se deve ajudar com tato, que se deve encorajar e formar, ou muitas vezes modificar e mesmo suprimir”. (Aids to Scoutmastership. 1945, p. 7)

Nesta feliz concepção da missão de educador, o velho militar inglês se aproximou do maior poeta da Cristandade, Dante Alighieri, que o ilustra pela delicada alegoria de uma senhora gentil despertando docemente a alma que dorme dentro do ser humano. (Divina Comédia, Purg., IX, 52-57).

O sistema de patrulha — assim como o de matilha para os lobinhos e de equipe para os escoteiros, e de agrupamentos correspondentes na organização dos Guias — é sem dúvida o elemento primordial do grande jôgo escoteiro, a chave mestra do método. Mas esta é rica em recursos, variada, e entretanto típica e distinta. Elemen-

tos exóticos e nossos, tradicionais e revolucionários, de uso interno e externo, concorrem à benfazeja receita do Escotismo.

Aí encontramos as pistas e as danças dos **Peles-Vermelhas**, as astúcias dos caçadores, os gritos, os mistérios e as fábulas da "jungle", o equipamento e a rudeza **spartana** do pioneiro, a disciplina e o uniforme do **desbravador**, ou se o quizerdes, do **colonial britânico**. Mas, da raça **saxonia**, encontramos também o **instinto democrático**, o caráter prático e o "senso de humor" e, ao lado de tudo isto, o desembaraço, a emoção estética o elan poético da **alma latina**, a humilde confiança em si e o espírito de iniciativa do homem vivo e inteligente e também a altivez e o penacho do **cavaleiro medieval**, a visão generosa do **missionário**.

Tudo isto na moldura de uma aventura sem fim através da contemplação maravilhada da natureza, sob o belo céu de Deus. B.P. afirmava: "O ar livre é a chave do sucesso; é por ele que o Escotismo existe". (Aids to Scoutmastership. 1945, p. 49). Já antes havia escrito **São Bernardo**, em uma carta ao Mestre Henrique Murdach, aspirante a monge cartuxo e futuro arcebispo de Iorque: "Confia-te a alguém que tenha experiência: aprenderás mais nas florestas que nos livros. As árvores e as pedras te ensinarão o que jamais os professores podem mostrar-te". (Epist. CVI).

Neste tom mesmo, **Paul Verlaine** cantava:

"que teu verso seja a boa
 aventura
 espalhada ao vento revolto
 da manhã
 que vai perfumando com a
 hortelã e o timo...
 e o mais é literatura"
 (Jadis et naguère)

"que ton vers soit la bone aventure/
éparse au vent crispé du matin/
qui va fleurant la menthe et le thym.../
et tout reste est littérature".

É-me necessário ainda citar **Baden Powell** para não deixar nenhuma dúvida acerca do naturismo escoteiro: "As flôres na sua ordem, os hábitos, suas qualidades; e em seguida as estrelas no céu com sua posição bem determinada, seu movimento ordenado, dão-nos a primeira **impressão do infinito onde** o homem é tão pouca coisa. Todos estes objetos, que apelam

para a curiosidade e a faculdade de observação dos jovens, os fascina até à obcessão e os conduzem diretamente a reconhecer a **mão de Deus** neste mundo de maravilhas: basta que alguém os inicie". (Aids to Scoutmastership. 1945, p. 45 s.)

São Boaventura chamaria a este método de um "itinerarium mentis in Deum", que não se pode taxar de **Panteísmo** porque Deus nêle é sempre adorado como o **Criador** e o **Pai** de todos. Nós somos antes de tudo no espírito do **Cântico das Criaturas de São Francisco de Assis**, da "**Maravilha del Mundo**" de **Frei Luis de Granada**, ou ainda na linha de **São Paulo**, quando êle falava aos Atenenses sobre o **Aerópago** ou quando escrevia aos Romanos: "Deus invisível desde a criação do mundo, deixa-se ver à inteligência através de suas obras. (Rom, 1, 20).

Jôgo completo ao ar livre, que contrasta com os jogos tristes e perigosos de tantos adeptos ou de candidatos à denominada "beat generation" de nossos dias! Esbanjam o **tesouro** de sua juventude, **que não é todavia tão má quanto pretendem**, no aborrecimento, a indiferença, a frivolidade, o egoísmo. Na mensagem que B.P. enviou aos Escoteiros, antes de morrer, convida a todos os jovens e a todas as môças de boa vontade para a aventura alegre do Escotismo com acentos que encontramos nos apelos de nossos sacerdotes:

"O estudo da natureza vos mostra de quantas belas coisas **Deus** encheu o mundo para vossa felicidade... Experimentai deixar a terra tornando-a um pouco melhor do que a encontrastes... E quando a hora da morte se aproximar, podereis morrer felizes, pensando que não perdestes vosso tempo e fizestes o melhor". (B.P.'s Outlook. Selection from "The Scouter", 1941).

III — SÉRIO

Do ponto de vista da criança, o adjetivo sério não aumenta nada na idéia do jôgo. Para ela, todo jôgo é uma coisa séria, e talvez a única. Para nós adultos, é diferente. Gostamos de fazer distinções e análises. Ora, julgo que as autoridades que acabo de citar bastaram para dissipar qualquer dúvida acerca do terrível sério do Escotismo, e especialmente do **Escotismo Católico**. Só me resta pôr em evidên-

cia certos aspectos do sistema. Se aqui eu encaro especialmente seus valores religiosos, não é para dar menos importância aos outros grandes valores pedagógicos e sociais do método escoteiro.

“Por ocasião do Jamboree de Vogelenzang, na Holanda — conta o Padre Forestier — B.P. havia falado da **paternidade divina**, fonte do amor fraterno entre os Escoteiros, e havia suscitado por suas palavras um clima de rara intensidade religiosa. Como eu lhe comunicava minhas impressões, no decorrer de uma reunião íntima durante a tarde, e que lhe falava da natureza profundamente religiosa de seu Escotismo, respondeu-me êle: Creio firmemente que tendes razão. Enquanto eu falava, esta tarde, Deus estava muitíssimo próximo. Creio que foi Êle que inspirou minhas palavras. Não falei do que eu pensava quando cheguei. Senti-me inspirado no próprio momento”. (Um caminho de liberdade, p. 22).

Guardou-se e publicou-se as palavras — demasiadamente cheias de ternura para que se insista sôbre certas imprecisões formais — que B.P. dirigia a um grupo de Escoteiros católicos ingleses: “Partis para o que será o maior acontecimento de vossa vida: ir à Roma, ver com vossos próprios olhos o Papa e ser vistos por êle. Acima de tudo, que vosso comportamento e vossa conduta demonstrem que, como Escoteiros, não tendes que um só e único Chefe e que êste Chefe exclusivo e único é Deus e vossa Igreja. Os Chefes (Scoutmestres) são somente vossos irmãos mais velhos que devem ensinar-vos a maneira de cumprir perfeitamente vosso dever de católicos”. (29 de agosto de 1929, Grange-neuve, o Escotismo, p. 4).

Por esta presença fraterna e exemplar do Chefe, que deve servir com uma maior generosidade, sabendo que êle é o herói e o modelo de seus comandados, o Escotismo é uma verdadeira palestra de chefes aos quais êle ensina que, se têm o **direito de comandar**, é na medida em que se submetem à regra e às exigências do bem comum. Êste estilo estaria ao **gosto de São Paulo** que, em suas Epístolas, não teme em insistir quatro ou cinco vezes sôbre êste conceito tão simples quão ousado: “Mostrai-vos meus imitadores, como eu o sou de Cristo”. (1, Cor., 4, 16). Porque — aqui cito ainda

uma vez o Papa que “canonizou” o Escotismo, Pio XII — “o amor que os Escoteiros têm sempre tido pela pessoa divina do Grande Chefe, que é o Caminho, a Verdade e a Vida, deve continuar a ser sua luz e o sustentáculo de seus esforços quotidianos”. (“Oss. Rom.”, 7 junho 1952).

Um outro ponto fundamental do sistema de B.P. é o **culto da honra**. Não sei por que existe em certos meios — meu conhecimento pessoal se limita à Itália, mas julgo não fazer injustiça a ninguém tornando esta observação de maneira geral — a preocupação que, pela importância primordial dada ao sentido e à moral de honra, o Escotismo possa perigosamente afastar-se dos métodos tradicionais da Igreja.

Para o Escoteiro Católico, a honra consiste em merecer a confiança de Deus e de seus irmãos, isto é, em ser na realidade o que é julgado ser conforme sua profissão de fé. E quando êle se empenha sôbre sua honra e fazer pelo melhor modo possível, para ser um bom Escoteiro, êle acrescenta “com a graça de Deus” e por estas expressões, faz um ato de humildade e de confiança no auxílio sobrenatural. Parece-me que se junta aqui um conceito adequado de honra que se identifica com a lealdade, a fidelidade à sua palavra, e que tem por limites as mesmas da moral Cristã. A Igreja não faz apêlo à nossa honra de cristãos quando, no decorrer da Vigília Pascal, nos pede que renovemos as promessas de nosso batismo? Não é um apêlo ao senso de responsabilidade e da honra àquêle que a Igreja dirige aos ordinandos antes que êles se empenhem voluntariamente nos deveres de sua Ordem sagrada, apêlo que Ela formula com uma gravidade ainda impressionante ao Bispo eleito antes de lhe conferir a plenitude do sacerdócio? Ninguém pode duvidar da seriedade do rito no decorrer o qual o Eleito escuta as perguntas do Bispo consagrante para responder a cada uma: prometo. Pois bem! declaro-vos que neste momento solene e decisivo de minha vida, teria sido muito feliz se pudesse emprestar os sentimentos que eu admirara em alguns de nossos rapazes quando pronunciaram suas Promessas escoteiras.

Nunca mais pararia se fôsse ilustrar o sério, ou melhor dito, a seriedade da

MENSAGEM DE NATAL

A mensagem de Natal é Amor. Cristo veio trazer o Amor, a Paz aos homens de boa vontade. No Natal, comemoramos o nascimento de Jesus Cristo, o nosso Salvador, o nosso Redentor.

Cristo é a Aurora do Novo Testamento, é o Arco-íris, símbolo da reconciliação de Deus com a Humanidade pecadora; é a Luz divina que veio iluminar as trevas. Cristo veio à terra para revelar-nos as verdades eternas, veio para comunicar-nos a vida da graça, a vida divina, e indicar o caminho seguro que nos levará ao Pai.

Cristo se fez Homem para que os homens se tornassem seus irmãos. Amor, Paz, é a mensagem do Natal. Seja esta também a nossa mensagem, o nosso presente de Natal ao nosso próximo, ao nosso irmão em Cristo, ao nosso irmão Escoteiro.

frei Metódio o.f.m. — Assistente Nacional dos Escoteiros Católicos.

Lei do Escoteiro: É um monumento de sabedoria e de experiência que se inspira no Evangelho e constitui um decálogo no qual não se sabe o que é preciso admirar mais, se a simplicidade espontânea ou a solidez filosófica. Para cada um dos artigos da Lei escoteira, achou-se dezenas de textos da Sagrada Escritura que o justificam ou o comentam. Certamente, o fim da Lei, como o da Promessa, é desenvolver as virtudes humanas, concordamos. Mas antes de ser um cristão e para sê-lo, é preciso ser um homem reto. Aliás, B.P. afirmava êle próprio, no prefácio da décima quarta edição de "Scouting for Boys", que "a finalidade da educação escoteira é pôr o cristianismo em prática na vida de todos os dias".

Sete rapazes divertindo-se juntos: eis a fórmula mais elementar do Escotismo. E entretanto, autores respeitáveis falaram de psicologia e de ética do Escotismo, de Escotismo e Política, de Escotismo e sociedade internacional, de Escotismo de santidade. **Aproximaram-no das diversas escolas católicas de espiritualidade.**

Com efeito, a 1) **espiritualidade franciscana** do Poverello aí encontra pontos de contato com sua canção da perfeita alegria, sua valorização amorosa da natureza, suas perspectivas de serenidade e de humanidade, sua mensagem de paz e de bem. — 2) **A Escola dominicana** aí reconhece a moral positiva tomista das virtudes, a magnanimidade que Santo Tomás exaltava nos comentários aos Éticos de Aristóteles, a retidão de seu princípio: "Deus fez o homem dono de si mesmo, não para que êle faça tudo que lhe apraz, mas para fazer livre-

mente o que deve". (Suma Teol., IIa IIae, q. 104, art. 1). Encontra aí também pegadas de São Domingos, peregrino de seis peregrinações a Roma. — 3) **A Escola inaciana** aí sublinha o espírito de disciplina e de obediência, a coragem, o entusiasmo da cruzada. — 4) O programa "Ora et labora" da **espiritualidade beneditina** aí é também honrada, assim como o desembaraço e o concretismo romano da Regra de São Bento. — 5) **A liturgia da Igreja** e o espírito litúrgico, particularmente no Caminho, aí estão em grande apreço. — Na atitude espiritual do Caminho, Santo Agostinho reconheceria por sua vez seu programa para a vida do cristão na terra. "Canta como costumam cantar os viajantes; canta mas caminha; suporta a fadiga cantando e não te acomodes na preguiça: canta e caminha. Avança, progride no bem. Não desvies, não recues, não fiques parado". (Sermão CCLVI, n. 3).

No sentido técnico do termo, **não existe espiritualidade escoteira.** De acôrdo também neste ponto. Mas o Escotismo criou indubitavelmente **um estilo de vida cristã** no qual acham seu habitat ideal êstes frutos do Espírito que São Paulo enumera na carta aos Gálatas: "Caridade, alegria, paz, longanimidade, prestabilidade, bondade de confiança nos outros, doçura, domínio de si". (Gal. 5, 22).

E são sem dúvida coisas passavelmente sérias. Estimo que esta lista do Apóstolo dos Gentios seja a de meus votos à Federação dos Escoteiros católicos do Canadá por ocasião do XXV aniversário de sua fundação.

Revista MARIA — pág. 30 — maio-junho 1960.

Que Vai Pelos Estados

Região de Pernambuco

RECIFE: Os escoteiros do Grupo de Escoteiros "AGAMENON MAGALHÃES" realizaram proveitoso acampamento, nos dias 1 e 2 de novembro último. O Grupo tem como chefe o Sr. Acelino Paulino Ribeiro. As fotos mostram os ativos escoteiros pernambucanos em ação no acampamento.



Região da Guanabara

XI Curso da Insignia da Madeira para chefes de Lobinhos

A Região da Guanabara, realizou de 22 a 26 de julho passado a parte II para a conquista da I. M. para Chefes de Lobinhos.

Equipe dirigente: Aquelá Maria Pérola Sodré, Baguira Agnes Gabriela Belloquim Costa, George Gilberto Gomes, Kaa, Balu José Miguel da Costa Jr., Hati Paulo Vasconcellos, Wou-Tolla, Geraldo Hugo Nunes, Chil, Sebastião Luiz Costa Barreto.

Na intendência trabalharam os Chefes Evan Matos e José Costa que tiveram a colaboração de escoteiros seniores.

O Curso foi realizado na fazenda Francis Hime, em Jacarepaguá. A equipe dirigente teve também a colaboração do Prof. Borges Hermita e de sua família.



A Região da Guanabara realizou mais uma vez o seu tradicional "TORNEIO CAIO VIANA MARTINS". Competiam 96 grupos de Escoteiros que funcionam em todo o Estado. Dentre as 304 patrulhas os Falcões do Grupo Ipiranga, conquistaram o 1.º lugar, tendo arrebatado o belo troféu que se achava em poder do Grupo Escoteiro Guilhermina Guinle do Fluminense Futebol Clube.

A Patrulha vencedora estava assim constituída: Olavo de Araújo Filho, Jaime Plotikowisk, Cláudio Alex Fernandes, Nelson Costa, Luiz Carlos, Justiniano da Cunha e Miguel Magaldi.

O nóvel Grupo Escoteiro Ipiranga que tem sua sede na rua Pinheiro Machado (4.ª Região Administrativa), está pois, de parabéns por tão brilhante vitória.

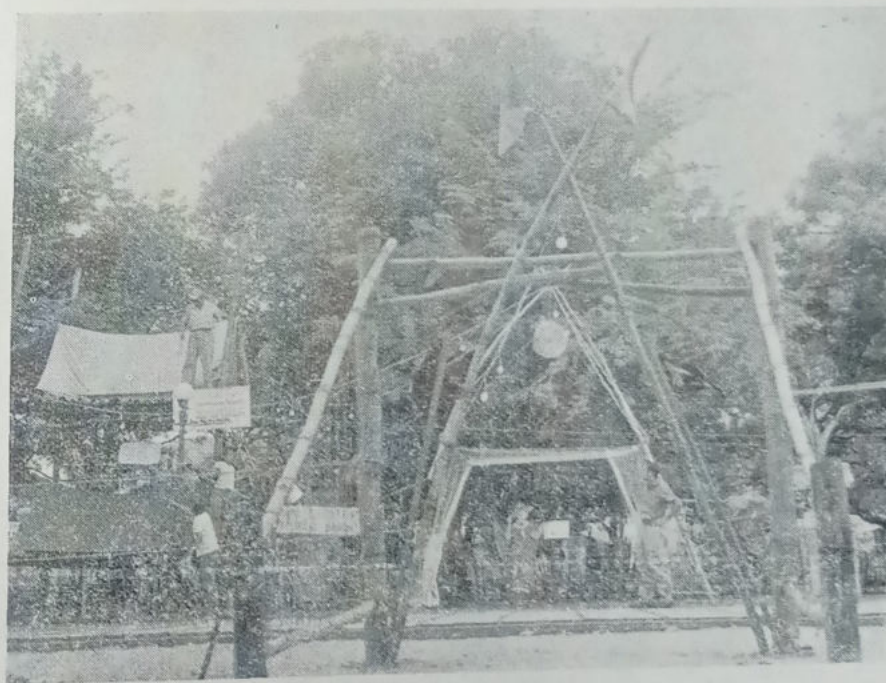
ESCOTISMO EM MARCHA :

Jamboree do Ar



Aspecto tomado quando um lobinho do 86.º Grupo Escoteiro, David de Barros, através da estação PY1-CCD, fazia sua saudação aos irmãos escoteiros do Grupo Baden Powell, da Cidade de Aracaju, Sergipe, nas estações de rádio madores PY6-S1 e PY6-ST.

Os escoteiros de Sergipe trabalham pelo desenvolvimento do movimento escoteiro na sua região.



Acampamento modelo realizado pelo grupo Murilo Braga — SESC.



Ainda em Aracaju (Sergipe) vemos lobinhos plantando uma árvore, comemorando assim o "DIA DA ARVORE".

Região do Estado do Rio de Janeiro.

O Grupo Escoteiro Santa Rita de Cássia — 56 RJ — realizou empolgante desfile pelas ruas da vizinha cidade de Duque de Caxias sob os auspícios da FÁBRICA NACIONAL DE MOTORES.



TOPOGRAFIA

Por *Leopardo Astuto*

O RELÊVO

Até aqui vínhamos estudando, no mapa, uma região nos arredores de Pôrto Alegre em que encontramos os mais variados acidentes naturais: rio caudaloso, estuário com diversas ilhas, arroios por entre morros, terrenos alagadiços, vários morros graníticos da Serra do Mar, etc. No entretanto nosso estudo tem sido teórico, no papel, no desenho somente.

Agora que já conhecemos curvas de nível e sabemos traçar um perfil entre dois pontos (figura 3, revista n.º 103) vamos ver o terreno tal qual êle se apresenta aos nossos olhos, porém reduzidíssimo.

O trabalho que ora sugerimos é penoso e exige de você a máxima aplicação:

I — Ilumine a carta ao lado de acôrdo com as instruções do problema 3, revista n.º 103, isto é, rios em azul, terreno da margem do rio até a curva de nível 50, inclusive as ilhas — amarelo; de 50 a 100 — verde claro; de 100 a 150 — verde escuro; de 150 a 200 — laranja; de 200 a 250 — vermelho; de 250 a 300 — violeta; acima de 300 marrom. Nota que estas côres são apenas para destacar as diferentes altitudes e não para serem usadas depois do relêvo pronto.

II — Estenda um papel transparente sôbre o mapa colorido e copie as curvas de nível, as margens dos rios e o contôrno do mapa.

III — Coloque êsse papel transparente (já com as curvas copiadas) sôbre um papelão e transfira, com papel carbônio, as curvas que margeiam os rios e as linhas laterais do mapa.

IV — Com a ponta de um canivete bem afiado ou com uma lâmina de barbear quebrada ao meio, aprofunde a parte que representa a água e corte o papelão nas linhas laterais do mapa.

V — Coloque novamente o papel transparente sôbre nôvo pedaço de papelão e com carbônio por baixo, copie a curva de nível n.º 50.

VI — Recorte o nôvo papelão bem pela linha marcada com o carbônio.

VII — Com cola de colar madeira, cole o segundo papelão sôbre o primeiro, no lugar indicado no mapa.

Observação: Note que vários pedacinhos do segundo papelão vão ficar isolados, como, por exemplo, as duas elevações situadas na ponta que penetra no rio Guaíba, no canto inferior esquerdo. Se você tiver dificuldade em colocar êsses pedacinhos nos respectivos lugares, deixe-os ligados por uma faixa do mesmo papelão e recorte-o depois de colado.

O mesmo pode ser feito quando a curva de nível fôr muito sinuosa, corte o papelão a grosso-modo e depois de colado escave as reintrâncias.

VIII — Repita as mesmas operações executadas na curva 50 até chegar na de n.º 300, no alto do morro Santana.

IX — Depois de bem sêca a colagem, com um pincel, recubra todo o relêvo com gêsso, fazendo desaparecer os degraus provenientes das diferentes chapas de papelão sobrepostas. A estas alturas você já começa a ter entusiasmo e a compreender o valor de tanto esforço despendido.

X — Quando o gêsso estiver sêco, pinte as águas com azul e o relêvo com as côres naturais do terreno.

Depois do trabalho pronto, você não ficará apenas com êste ensaio: você comprará um mapa da região em que costuma acampar e vai fazer o relêvo em ponto maior para colocar na sede de seu grupo. É um ótimo trabalho para exposição e de grande valor artístico.

Cuidado quando comprar um mapa para construir um relêvo, é indispensável que tenha as curvas de nível.

Para o relêvo acima sugerido, apesar de não obedecer rigorosamente a uma escala determinada, indicamos o papelão de fundo de caixa de sapatos que tem cêrca de 1 mm de espessura.

Oportunamente trataremos da escala vertical do mapa. Esta pode ser diferente da horizontal para maior destaque do movimento do terreno, sem prejuízo do aspecto natural do mesmo.

A Grandiosa Natureza de "Deus", Seus Mistérios e Caprichos --- (1)

por F. P. A. GALLO

A partir deste número, passarei a narrar aos leitores desta encantadora revista, certos fatos regidos por u'a mão firme, que está acima de todos nós. Para muitos, que se dizem materialistas, esta mão é inexistente — chamam-na simplesmente de NATUREZA. Porém, acima desta natureza existe um criador e regente superior a tôdas as coisas — "DEUS". A êste, sim, devemos depositar o nosso agradecimento de tudo e o encantamento produzido em nós por tôdas as belezas vivas, que reunidas formam o cenário da VIDA.

O autor

* * *

Diariamente vemos cenas no reino animal que nos vêm criar dúvidas sobre o que chamamos de instinto. Por exemplo: se o animal sente fome — come, é instinto; mas se o animal corre para salvar a vida de seu pequeno dono que se afoga, seria instinto também? Deixo a critério dos leitores a dedução, pois cada um de nós poderá tirar uma dedução adversa.

José Delmonte, num de seus livros, narra suas caçadas na África, citando vários casos que vêm aumentar nossa dúvida quanto ao instinto animal. O primeiro, refere-se a uma elefoa amamentando um pequeno "monstro", fato êste, observado várias vezes por um silvícola. Apesar de existir uma diferenciação em tudo, a respeito dêsse pequeno demônio das selvas, Delmonte resolveu terminar tal dúvida. Certo dia, aproximou-se sorrateiramente de uma manada que banhava-se no rio, aceitou seu possante binóculo, examinando exemplar por exemplar dos pequenos elefantes que eram amamentados por suas mães e qual não foi seu espanto, quando em um ponto mais afastado divisou uma enorme fêmea amamentar um pequeno animal de coloração mais escura que a sua, sem tromba e com um aspecto completamente adverso de sua ama de leite. Imaginem qual

não foi a surpresa do observador, que tão afamado monstro não passava de um inofensivo filhote de rinoceronte, talvez órfão e criado com todo carinho por um parente mais afastado.

Por acaso existe sentimento entre quadrúpedes? Ou será um capricho imposto pela natureza sem explicação para o ser humano. Neste mesmo livro, Delmonte, relata um encontro dos mais sensacionais para êle durante o período de caça na África. Vinha êle por determinado atalho, quando avistou a uns 200 metros um ocapí seguido por um gnu. Ficou espantado com êste encontro bruto e como bom observador, descreve adiante. Tendo feito ruído no mato, o ocapí afastou-se uns 50 metros parando repentinamente, como se procurasse a da bête. O gnu, com o afastamento do ocapí, caminhava em círculo, mugindo de pavor que veio contribuir com a curiosidade do caçador. Voltando o silêncio, pôde Delmonte compreender o procedimento dos dois animais de temperamentos tão divergentes ou seja, o ocapí pela sua docilidade e o gnu pela bravura. Imaginem só, o ocapí nada mais era que o guia de seu companheiro, que era cego! Aproximou-se lentamente, lambeu-lhe as orelhas, deu-lhe o dorso a cheirar e por fim estendeu sua cauda para que o gnu a segurasse e por êle fôsse guiado dentro da selva misteriosa.

Finalizando nosso primeiro encontro, citarei um caso que já deve ser de vosso conhecimento, fato êste já comprovado por pessoas idôneas. Não me refiro a qualquer um, porque é normal ser o caçador considerado o rei da mentira.

Certo dia, um amigo meu caçando, divisou um bando de macacos e como lhe tinham dito ser saborosa a carne dêste nosso semelhante, apontou sua Parker calibre 12 para uma fêmea trepada num galho baixo e qual não foi seu espanto, quando a mesma estendeu seu filhotinho — como que implorando piedade ao caçador!



V.º CURSO INTERAMERICANO PARA COMISSÁRIOS EXECUTIVOS

Grupo de alunos e dirigentes do Curso em Schiff Scout Reservation, do qual participaram vários brasileiros. UM MÊS DE ESTUDOS E PRÁTICAS. De 18-5 a 24-6



O grupo de chefes brasileiros que participaram do curso: Jean Albert, do SESC de São Paulo; Álvaro Tavares e Adelf Bisião, da Região de São Paulo e Paulo Ary Gaio e Osear Wyler da Direção Nacional da U.E.B. (Texto na página 31).

O Brasil Na Conferência Escoteira Interamericana

JOÃO FERNANDES BRITO
— (Comissário Nacional de Adestramento)



Durante os dias 25 e 29 de agosto passado, realizou-se em Kingston, Jamaica, a VI CONFERÊNCIA ESCOTEIRA INTERAMERICANA, à qual a União dos Escoteiros do Brasil enviou a seguinte delegação: Alnte. José de Araújo Filho, Dr. Fernando Mibieli de Carvalho, João Fernandes Brito, como delegados, e o Comissário Executivo Nacional, Dr. Carlos Gusmão de Oliveira Lima, como acessor.

Durante a Conferência foram eleitos os novos membros do Conselho Interamericano de Escotismo, entre êles o Dr. Fernando Mibieli de Carvalho.

Antes da Conferência foi realizada uma reunião de adestramento.

Na foto, a delegação do Brasil, junto ao painel fotográfico, montado pela UEB, no salão da Conferência.

Eis a tese defendida e apresentada à conferência por nossa delegação.

Os fatores, muitas vezes interligados, que determinam as possibilidades da maior ou menor expansão do Adestramento de Chefes e Dirigentes, são:

- I — Área de ação
- II — Equipe
- III — Material
- IV — Candidatos
- V — Recursos

I — AREA DE AÇÃO:

O Adestramento é uma das vigas mestras para a unidade do Movimento Escoteiro em cada país e por isto mesmo toda a orientação e planejamento devem ser em base nacional.

Para isto a Comissão Nacional de Adestramento deve contar com uma Comissão Assessora permanente ou realizar periodicamente reuniões com os membros da Equipe Nacional de Adestramento, para troca de idéias e estabelecimento de normas, garantindo a continuidade dessa orientação centralizada através de Circulares e correspondência.

Determinadas normas fundamentais devem estar incluídas no P. O. R., constituírem apêndices dos Manuais ou formarem regulamentos isolados, mas sempre bem divulgados e estritamente cumpridas.

Mas, se a orientação e o planejamento devam ser centralizados, a ação deve ser descentralizada de modo que a extensão territorial não venha a constituir-se num entrave ao Adestramento. Essa descentralização de ação é diretamente proporcional à extensão territorial do país, e ao desenvolvimento do Escotismo no mesmo, de forma que um pequeno país de Escotismo incipiente e exclua, enquanto um grande país, e de Escotismo numeroso exige um zoneamento bem retalhado.

Nota-se muitas vezes que por razões políticas, o zoneamento é artificial, além do necessário, a fim de atender à divisão político-territorial do país. O único critério correto de delimitação é o da expansão do Escotismo local, e assim mesmo sujeito às complicações dos demais problemas inicialmente enumerados.

Mas, por uma questão de maior facilidade de informação e menos do que por simples rotina administrativa, os resultados dos Cursos deverão ser centralizados na Direção Nacional, seja pela expedição de Certificados, seja por cópia de Relatórios.

Também é centralizada a elaboração de um Calendário Nacional de Adestramento a ser amplamente divulgado: além de atender às solicitações das áreas de ação, permite um melhor planejamento da realização dos Cursos de maior nível e possibilita a participação eventual de Es-

cotistas de outras áreas em qualquer Curso.

Naturalmente é desnecessário incluir-se nesse Calendário Cursos de interesse demasiado secundário.

II — EQUIPE DE ADESTRAMENTO:

Normalmente esse termo se refere à Equipe Nacional de Adestramento, isto é, aos Escotistas que têm credencial para a realização de Cursos do nível Preliminar para cima.

Para assegurar-se a expansão do Adestramento é necessário que o país conte com Equipe própria e muitas vezes até Equipe em cada área de zoneamento.

Um dos fatores fundamentais do Adestramento no Brasil foi ter sido realizado em primeiro lugar um Curso da Insignia de Madeira como início do Esquema de Adestramento. Isto possibilitou logo após a nomeação de Equipe constituída de Escotistas do próprio país para a direção de Cursos de Adestramento Preliminar.

Outros países que dependeram de viagem de Chefes estrangeiros para realização de Cursos, tiveram a expansão de seu Adestramento dificultada.

No zoneamento dentro de cada país deve-se contar o mais possível com Equipes locais, no mínimo com auxiliares locais e essencialmente com dirigentes locais de Cursos Técnicos e outros de menor nível. Desta maneira serão evitados maiores gastos de viagem de dirigentes de Cursos e atenuados problemas de falta de tempo, em face de existência de maior número de dirigentes.

Por outro lado é desejável que haja, na medida do possível, um intercâmbio de dirigentes de Cursos entre as áreas de zoneamento, e mesmo entre os países. A troca de experiências pessoais e o sabor internacional do Escotismo são fatores positivos que recomendam este intercâmbio.

Os membros da Equipe que sejam eventuais dirigentes de Cursos devem poder dispor dos Manuais que, embora confidenciais para os demais membros do Movimento, devem ser postos à disposição dos auxiliares dos Cursos para familiarizarem-se com a parte que a eles couber.

Os membros da Equipe devem, preferencialmente, ter participado do Curso Treinando a Equipe e serem

Escotistas cuja projeção pessoal no Escotismo e vida profissional seja inspiradora para os participantes de Cursos sob sua direção.

Os Executivos devem ser membros da Equipe, mas são elementos de reserva e só por absoluta impossibilidade dos voluntários deverão dirigir Cursos, de modo a não prejudicar suas tarefas próprias de organização e expansão do Movimento.

III — MATERIAL:

Igualmente, o material de Cursos deve ser multiplicado até a situação desejável de um equipamento completo para cada tipo de Curso em cada zona. Caso contrário o constante transporte do material, além de oneroso, causa desgaste de vulto.

É ideal também ter em cada área um Almoxarifado privativo para o material de Cursos e um Almoxarifado que possa ter o equipamento em ordem e possa providenciar os reparos e expedição.

A inclusão de equipamento moderno é desejável desde que as Tropas tenham, também, possibilidade de vir a usar material idêntico ou semelhante. Pouco adiantaria um Curso com nível material acima da realidade.

Colocamos neste item o assunto "Campo Escola" ou melhor, o de locais para Cursos.

A mística de um Campo Escola como ponto de convergência do Adestramento é altamente inspiradora.

Todos sonham com um elevado nível de adestramento pela simples enunciação do nome Gilwell Park.

É, portanto, pacífica a orientação de que cada Associação Nacional procure dispor de um Campo Escola de sua propriedade.

Mas, neste caso, deve-se ter em mente as enormes despesas de instalação e manutenção do mesmo. Esse vultoso capital somente é justificável quando a utilização do Campo Escola for a mais contínua possível, com a realização de outras atividades que não sejam Cursos. Dêse modo a manutenção será menos onerosa com o pagamento de taxas pelos usuários do Campo.

O problema é o mesmo para o caso de Campos Escolas nas áreas de zoneamento. Mas, nestas áreas geralmente a menor atividade possibilita-se como solução a utilização de

áreas governamentais ou privadas, restritas ao Escotismo, com uma utilização praticamente sem ônus. Esta solução no entanto implica em certas limitações.

IV — CANDIDATOS:

A participação de candidatos a Cursos deve ser intensamente incentivada. O orçamento de um Curso é mais equilibrado com um grande número de participantes.

A divulgação dos Cursos é feita através de Circulares diretas aos candidatos, cartazes locais de concentração dos mesmos, noticiário na revista Escoteira e imprensa em geral e outras fórmulas.

Embora o Escotismo seja um Movimento de Voluntários, poderia ser adotado um sistema de inscrição ex-officio dos Chefes novos nos Cursos a realizarem-se em breve.

Também a ação pessoal dos Comissários junto às Tropas aumenta o efetivo dos Cursos.

Algumas vezes é possível realizar-se Cursos especialmente para um efetivo concentrado, como por exemplo Seminários, Inspetores Escolares, etc., nos quais temas especiais, de interesse dos candidatos devem ser incluídos no programa.

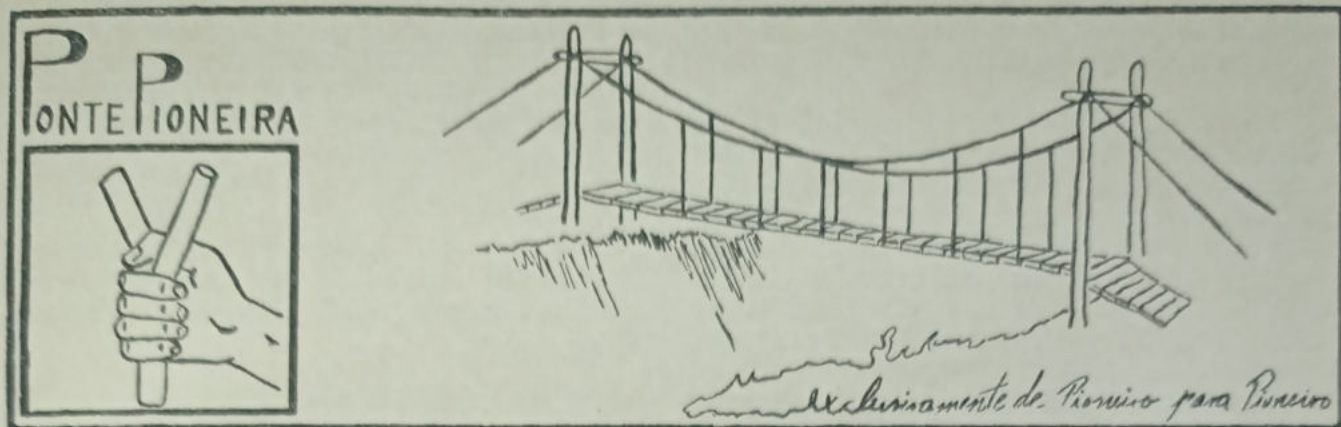
Através de fichário individual é possível e recomendável acompanhar-se o progresso dos Chefes no Adestramento e dêse modo incentivar a cada um para alcançar a I.M.

A concessão de bôlsas para viagem ou quotas de inscrição a candidatos selecionados também constitui incentivo e devem ser previstas e divulgadas.

V — RECURSOS:

Os recursos para o Adestramento provém da realização dos próprios Cursos, de subsídios das áreas de ação e finalmente de orçamento geral.

Através das quotas de inscrição procura-se o mais possível equilibrar o orçamento de cada Curso de modo que a arrecadação cubra as despesas de alimentação, transporte de material e de candidatos, material de consumo e reposição de equipamentos. A fim de garantir a continuidade do adestramento através de literatura está sen-



UM NATAL DIFERENTE

IVO THEISS

O dia em que alguém da nossa família nasceu é comemorado festivamente. A família teve mais um membro e por isso a alegria é geral. Apesar de cada ano se repetirem estas mesmas datas, elas são desejadas, esperadas e preparadas. O filho que outrora era pequeno, agora já é grande, mas nem por isso deixa-se de evocar o dia em que veio a este mundo.

O que acontece com o Natal tem todas as características de um aniversário em família. A grande família humana também está em festa porque também lhe veio mais um membro. Na plenitude dos tempos anunciada pelo profeta, nasceu Jesus. Toda a criação já experimentara séculos de existência. Os homens já haviam vivido amargas experiências em suas relações sociais. A História o conheceu pequeno e indefeso. Nêle reconheceram os pastôres. Nêle reconheceram os pastôres Aquêle que fôra prometido a nossos pais na fé. Os magos diante dêle se prostaram, guiados pela estrêla. Herodes por sua causa turbou-se e sentiu periclitár o seu reino. Todos êstes sinais são hoje reminiscências históricas que relembramos no dia do aniversário do Senhor.

O que vamos nós fazer com um Deus-menino? Já há muito que êle o

foi. Já há muito que Êle se tornou grande. Já há muito que as mães de Belém enxugaram as lágrimas por seus filhos assassinados. Já há muito que Êle voltou do destêrro do Egipto. Todos êstes fatos gerações e gerações vem contando a seus filhos e por isso são a nós assáz conhecidos. O que fazer, por isso, com um Deus que se fêz homem. Já não há novidade!

Recebê-lo, antes de mais nada, a fim de que de nós não se diga que Êle veio para o que era seu e os seus não o receberam. Aceitar, porém, é fácil quando apenas significa constatação do fato. Existe, porém, outro "receber" que significa fazer seu próprio pensar e agir ser a nossa norma de conduta.

O aspecto de uma criança indefesa, por outro lado, reaviva o nosso ideal de pioneiros: servir. E como servir ao Deus menino da mangedoura do da gruta de Belém? Fazendo com que êle cresça nos corações dos nossos semelhantes. Todo o nosso ideal de servir não se confina com as aparências materiais de uma cena de miséria, com um mendigo que estende a mão. Mais que tudo isso, o servir pioneiro se relaciona com o Cristo na figura do nosso próximo. O Cristo continua nascendo sob a figura de homem e

não raro pede a ajuda generosa dos seus Pioneiros para que a vinda ao que era Seu não seja em vão.

Mas não só. Estas reminiscências do Natal do Senhor nos tiram do terrível caminho da rotina e gritam aos nossos ouvidos que num dia certo da História Deus se fez homem, Deus se fez nosso irmão. Deus pediu que o amássemos depois que Ele nos deu toda uma irrefutável prova de amor. O que é mais terrível em nossas convicções religiosas é que elas deixam, com o tempo, de ser convicções para se tornarem costumes. A grande distância dos 2 mil anos que nos separam do canto dos anjos nas planícies de Belém, fizeram da nossa religião-convicção uma religião-costume. O tempo que precede o Natal por si mesmo se presta a tirar esta poeira de um ano inteiro depositada sobre as nossas crenças de fé. Neste precioso tempo, não queremos mais tomar o nascimento de Jesus como um fato consumado, natural e já há muito conhecido. Ao final do período de preparação, o nascimento do Redentor seja para nós a grande novidade, esperada e desejada como a última notícia do "Repórter Esso".

Difícilmente nos podemos colocar na situação dos nossos pais na fé. Eles esperavam realmente com toda a ânsia, com todas as veras de sua alma a vinda do Prometido. Se para nós esta expectativa real não existe porque Ele de fato já veio, podemos contudo, sempre desejar a chegada de Deus no sentido de que nós nos assemelhemos a Ele. Que Ele seja o modelo do nosso agir e pensar. Esse tipo de Natal não deveria faltar em nenhum coração humano, muito menos no coração do Pioneiro. O tempo do Natal poderia ser a época em que lançamos uma campanha de reavivação do Natal em nós: Que Jesus nasça em nós, para podermos amá-lo no outro onde Ele também nasceu. Mas não se esqueça: para que o outro possa amar a você como ao Cristo, é necessário que Jesus nasça em você, assim como você mais facilmente ama os que se conformam com Jesus.

O Natal tem, pois, esta dupla dimensão: Jesus em mim e o Jesus no outro: daqui nasce o espírito de família entre os homens mórmente nes-

tas festas natalinas. Por aqui passa a explicação dos presentes de Natal. Aqui está o fundamento da nossa salvação: Servir! Servir o Cristo que nasceu no coração do próximo.

NOTA: — Esta seção está aberta a todos os pioneiros do Brasil, por isso estamos aguardando um sinal de vida dos nossos Clãs.

O BRASIL NA CONFERÊNCIA ESCOTEIRA INTERAMERICANA

(Conclusão da pág. 24)

do introduzida a idéia de incluir na quota a assinatura da Revista.

As áreas de ação e a Direção Nacional devem ter rubricas orçamentárias para Adestramento, a fim de fazer face a eventuais deficits de Cursos, concessão de bôlsas, reposição de equipamento viagem das Equipes, etc. Evidencia-se que estando o Adestramento em expansão, as dotações dessas rubricas também devem estar em crescimento real para atender a aquisição de novos equipamentos.

— Conclusão —

A expansão do Adestramento determina:

- a) — O zoneamento de áreas de ação, sem prejuízo da centralização do planejamento e orientação;
- b) — a atuação de equipes locais no mínimo em Cursos de menor importância;
- c) — a existência de equipamentos locais sob controle próprio, e de Campos Escolas adequados;
- d) — o incentivo de candidatos aos Cursos;
- e) — a dotação de subvenções orçamentárias elevadas.

Rio de Janeiro, GB — Brasil, 20 de agosto de 1964.

Boa Viagem : a Ilha dos Escoteiros

João B. Saldanha

A Ilha de Boa Viagem é um dos mais belos recantos turísticos do Estado do Rio de Janeiro e, há os que afirmam, ser como atração, o ponto máximo da cidade de Niterói.

Doadada em 1937 pelo Ministério da Marinha aos Escoteiros, tem, desde então, servido como Base Naval e Campo Escola. Repleta de relíquias e tradições históricas, possui uma igreja e um forte, o qual, destacou-se na história pátria, ao defender a cidade do Rio de Janeiro quando do ataque feito pela esquadra francesa de Duguay Trouim, em 12 de setembro de 1711. Esse feito, foi inclusive ressaltado pelo inolvidável estadista patricio Barão do Rio Branco, quando esclarece em suas não menos famosas "Efemérides Brasileiras", ter sido o Forte de Boa Viagem e, não o Gragoatá (então desarmado), quem contra-atacou o invasor.

Graças à veneração dos homens do mar, a Capela da Ilha pôde, por duas vezes, ser reconstruída, já que dois incêndios misteriosos haviam destruído-a em 1860 e 1870. Quando a "Associação Protetora dos Homens do Mar" instalou sua sede na Ilha, o Forte foi desarmado, tendo a maioria de suas peças, sido transferidas para a Fortaleza de Santa Cruz.

Centenas de Escoteiros e Lobinhos dos Estados do Rio de Janeiro, Guanabara, Minas Gerais e São Paulo, visitam anualmente a Ilha de Boa Viagem, onde acantonam ou acampam. Para tanto, basta que seja solicitada necessária licença ao atual Diretor, Dr. André Ramos da Costa, pelo enderêço da Região Fluminense: Rua Dr. Celestino, n.º 136. O culto à histórica Capela, foi restabelecido em 1937, pelo primeiro Diretor da Ilha, Almirante Benjamin Sodré, o "Velho Lobo", que se mostrou muito zeloso para com as relíquias nela existentes.

Já é tradicional a procissão marítima que, anualmente, os Escoteiros do Mar do Estado do Rio organizam, juntamente com o Apostolado de N. S. de Boa Viagem. Este ano, no 4.º domingo de outubro, engalanos, vibrantes e alegres, os Escoteiros tornaram a realizar a procissão que, por mais de duas horas, singrou as águas da Guanabara transportando a madona padroeira da Ilha. As fotos que a nossa "Sempre Alerta" publicará no próximo número com exclusividade, devem servir mais como um convite à todos os Escoteiros e Escotistas para que na primeira oportunidade visitem a ilha de Boa Viagem. A Ilha que é nossa. **A Ilha dos Escoteiros do Brasil.**

CURSO TÉCNICO DE ARRAIS :

AMARRAS, FERROS E FUNDEIO

AMARRAS — são cabos que ligam a âncora ao navio. Seus tipos são: Cabos — de fibra vegetais; Correntes — Simples e estaiadas.

Os cabos de fibras somente são usados para pequenas embarcações e em curto período. Nas embarcações maiores ou quando o tempo que a embarcação vai ficar fundeada é longo usa-se a amarra de correntes. A corrente simples é formada por élos de ferro galvanizado. A estaiada é formada por élos de ferro galvanizados que têm no meio um **travessão de refôrço ou estai**. As amarras de navios são formadas por 8 quartéis de 23 metros, ou 12,5 braças, que totalizam 183 metros ou cêrca de 1/10 da milha marítima.

CUIDADOS COM AS AMARRAS:

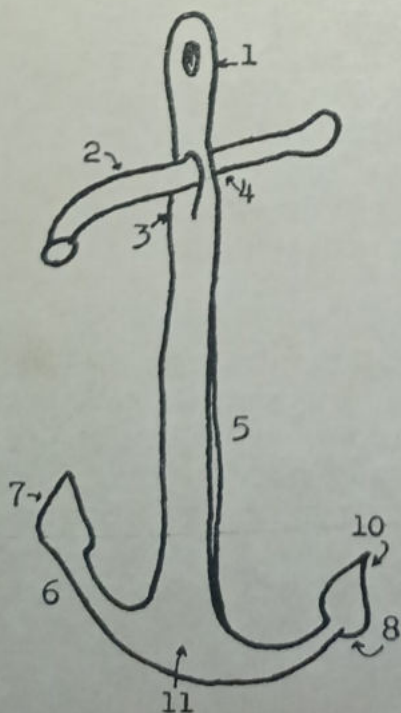
- a) Tê-las sempre aduchadas e amarradas com merlim pôdre;
- b) Adoçar, i. e., lavar em água dôce com abundância, e secá-las sempre que forem usadas;
- c) Estivar, i. e., guardar por baixo da âncora e em lugar safo.
- d) Não permitir que sejam colocados materiais nem pés sôbre elas.

ÂNCORAS — “Instrumento de ferro que lançado no fundo do mar, segura as embarcações por um cabo a que está prêso”. (Cândido de Figueiredo) — Âncora ou ferro é a peça de equipamento mais importante de um barco, pois é a sua segurança. É o símbolo da esperança. Modernamente existem dois grupos de âncoras:

Âncoras que dependem mais de seu próprio pêso para prender	}	Almirantado	Smith
		Patente.....	Martin Hall
Âncoras que dependem mais de sua forma para segurar	}	Danforth	
		Martin, Arado ou CQR	
		Northwill	

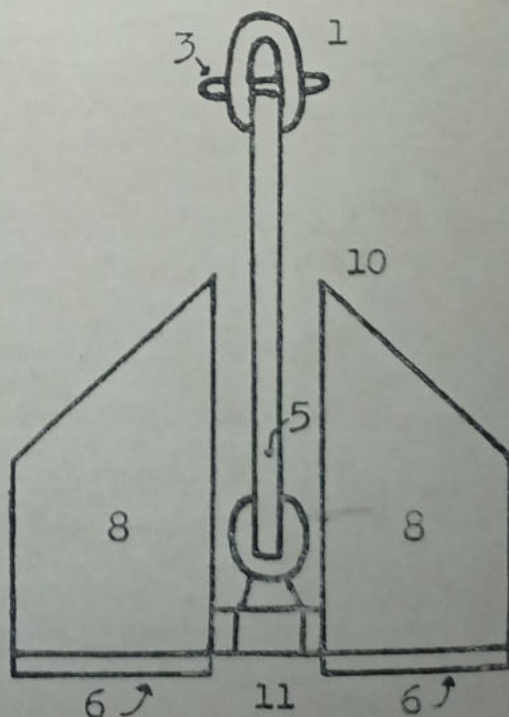
O ferro Almirantado é o mais comum por ser bastante seguro em virtude de sua haste, digo, cepo estar em plano perpendicular com a haste obrigando os braços a ficarem, quando toca o fundo, na vertical enterrando-se um dêles na areia ou lôdo. A principal desvantagem dêste ferro está na facilidade de se enrolar a amarra no cepo quando a embarcação rabeia em tórno do ferro por efeito do vento ou da maré, desunhando o mesmo.

As vantagens de se usar os ferros do último tipo são: facilidade de unhar na lama ou areia fina e em qualquer posição, a amarra não se enrrasca, e é de fácil manejo pelo seu pouco pêso. Tem porém, a desvantagem de não unhar com facilidade em areia grossa ou de se perder nas pedras.



ARINQUE — é um cabo provido de bóia que amarrado aos braços da âncora serve para içá-la dos fundos de pedra.

Anete — 1; Cepo — 2; Cavirão — 3; Noz — 4; Haste — 5; Braços — 6; Patas — 7; Orelhas — 8; Unha — 10; Cruz — 11.



SEGURANÇA: Coloque o ferro em lugar safo e NUNCA coloque nada em cima dêle ou da amarra.

FUNDEIO — “Ancor Hardy, Ancor, if I live I'll ancor” (últimas palavras de Lord Nelson na batalha de Trafalgar).

Fundear é a ação de lançar a âncora (ou ferro) para que a mesma unhe no fundo segurando a embarcação.

Manobras preliminares:

- | | |
|--|--|
| a) Montar o cepo da âncora; | e) Aproar ao vento ou à corrente e arriar os panos de prôa; |
| b) Colocar o cavirão em seu lugar, prendendo-o com um fiel pelo olhal que existe em sua ponta; | f) Perder todo o seguimento. (A motor dá-se a rê); |
| c) Talingar a amarra com manilha se fôr corrente e com um nó de fateixa se fôr de fibra; | g) Lançar o ferro; |
| d) Prumar para determinar a profundidade e a natureza do fundo; | h) Deixar o barco “cair” até que seja paga um comprimento de amarra nunca inferior a 3 vêzes o fundo. Ferrar os panos. |

- VOZES DE COMANDO:**
- 1) Ferro pronto a lançar
 - 2) Resposta: Ferro pronto
 - 3) Largar o ferro
 - 4) Resposta: Ferro fóra ou Ferro n'água
 - 5) Proeiro: Ferro unhou, solecar amarra
 - 6) Resposta: Ferro unhou
 - 7) Pronto (quando terminar a manobra).

Fundear com dois ou mais ferros chama-se “Amarrar” o navio.

OBS.: — A amarra nunca deve ser fixada ao barco com volta do fiel ou outro nó porque ficará de tal maneira apertada que não desatará além de não inspirar confiança. Os nós certos serão o Fateixa ou o lais de guia.

SONDAGEM: é a ação de se estabelecer a profundidade das águas em que se está navegando. Deve-se sondar quando:

- a) Houver dúvida sôbre a profundidade das águas;
- b) No momento de ancorar para estabelecer a quantidade de amarra a ser paga;
- c) como auxilio da navegação estimada.

PRUMOS: São instrumentos destinados a fazer sondagens. Existem vários tipos de prumos, porém, neste curso, sômente trataremos do **prumo de mão** ou sondareza.

A sondareza conforme Laudelino Freire é um cabo graduado amarrado a um pedaço de chumbo que serve para medir profundidades marítimas. Divide-se em:

- a) Sondareza pròpriamente dita
- b) Chumbada com cavalo, para ser cheio de sabão
- c) Cabo que corrige a altura da borda ao calado da embarcação.

Além de prumar a sondareza serve para verificar se a embarcação está garrando e trazer no cavado amostras do fundo.

CUIDADOS: Estiver em lugar conhecido — Adoçar e secar antes de guardar — Não usar a sondareza para outros fins.

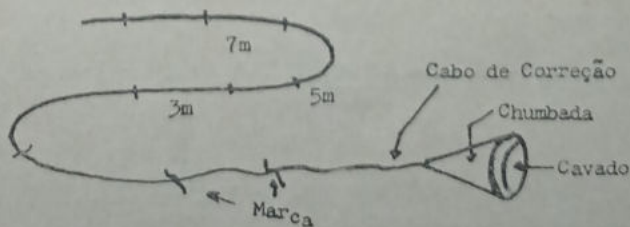
A sondareza pròpriamente dita é regulada de metro em metro por meio de pedaços de pano ou lona de côres diferentes presas às suas cochas. A medida é tomada junto à borda e deve ser lida em voz alta do seguinte modo:

2 metros justos — quando fôr na marca

2 metros escassos — quando fôr um pouco abaixo da marca.

2 metros em excesso — quando fôr um pouco acima da marca.

Deve ser dito, também, o bordo em que se está prumando.



NOTÍCIAS DA EDITÔRA ESCOTEIRA

A Editôra Escoteira tem programadas para o ano de 1964 as seguintes publicações:

- * "O Caminho Para o Sucesso", de Lord Baden Powell.
- * "O Livro de Lobinhos", de Lord Baden Powell.

A Editôra colocará nas livrarias os seus livros, ampliando, assim, suas possibilidades.

É a seguinte a lista de preços em vigor atualmente para os livros da Editôra:

Para Ser Escoteiro Noviço	340,00
Para Ser Escoteiro 2. ^a Classe	320,00
Para Ser Escoteiro 1. ^a Classe	360,00
Escotismo Para Rapazes	1.200,00
Padrões de Acampamento	135,00
Guia do Chefe Escoteiro	320,00
Aplicando o Sistema de Patrulhas	100,00
Bases Fundamentais do Método Escoteiro	50,00
Guia do Lobinho	200,00
O Comêço de Pista	175,00
Sêde Perfeitos	135,00
Que é Escotismo?	65,00
P. O. R	800,00
Provas da Modalidade do Ar	360,00
O Sistema de Patrulhas	280,00
Livro de Jogos	560,00
Assinatura da Revista Sempre ALERTA (6 números)	600,00

A Editôra aceita pedidos pelo Reembôlso Postal. As despesas do reembolso serão pagas pelo comprador.

V Curso Interamericano Para Comissários Executivos

Programado e dirigido pelo Conselho Interamericano de Escotismo, realizou-se entre os dias 18 de maio a 24 de junho em SCHIFF SCOUT RESERVATION, N. J. U.S.A. o V Curso Interamericano para Comissários Executivos Profissionais. Este curso faz parte de um vasto plano de expansão do Escotismo na América.

Foram 45 dias de estudos e práticas intensivas, abordando os mais variados aspectos do Escotismo: Organização Mundial, Nacional e Local, Princípios e Fundamentos, Adestramento de Chefes, Finanças, Programas, Publicidade, Relações Públicas e Institucionais, Cantina, Administração e Pessoal. Uma viagem de observação e práticas às cidades de Nova Iorque e Washington, e um Curso da Insigna de Madeira para Chefes de Grupo completaram o programa do curso.

Outro ponto curioso do mesmo, foi o seu aspecto continental, do qual participaram 39 alunos de 16 países latino-americanos, sendo 5 do Brasil: Oscar Wyler e Ari Gaio da Direção Nacional; Adelfo Bistão, Álvaro

Tavares e Jean Albert da Região de São Paulo.

O curso foi dirigido pelo Sr. Humberto Pasos, Comissário Viajante do Escritório Mundial e auxiliado por Armando Salas, Emílio Hidalgo de Caviedes Gerry Newby, todos do Escritório Mundial; Sergio Alcaraz e Jorge Toral de los Scouts de México além de algumas dezenas de outros instrutores da Oficina Mundial e dos Boys Scouts Of América.

CANÇÃO DE SCHIFF

“Escotistas sempre unidos
servamos com afan
melharando o Grupo
A Tropa, Alcatéia e o Clã!

A Promessa e a Lei
será nosso ideal;
pelo Distrito e a Região
todos juntos lutaremos
sempre até o final.

QUE TAL A TROCA?



NOTA: Esta seção está precisando de sua colaboração. Mande-nos suas charges e nós a publicaremos. É indispensável que elas façam rir.

